

protestantes e a cachaça; além de trechos de romances e de uma peleja, que mostram a pluralidade e a força da criação poética de Leandro. Informa-nos ainda sobre o destino de sua obra: a compra em 1921, após a sua morte, do direito de publicação, por João Martins de Athaide. Posteriormente, Leandro passou a ser editado por José Bernardo da Silva (1901-1972) quando este adquiriu, por sua vez, o acervo de João Martins de Athaide. Alguns poemas de Leandro são também editados pela Editora Prelúdio de São Paulo.

Após a bibliografia, o autor apresenta a relação de 36 poemas de autoria atribuída a Leandro Gomes de Barros. A seguir, o estudo da adulteração do acróstico de dez poemas. E ainda o título de 24 folhetos de outros poetas populares baseados em poemas seus.

Esta bibliografia prévia poderia ser mais completa se o autor tivesse condições de consultar outras coleções além das existentes no Rio de Janeiro. Mas, concordamos plenamente com Bráulio do Nascimento, que afirma no prefácio à bibliografia: "É uma pequena parte (...) da enorme produção de Leandro; a denominação Bibliografia prévia indica, sobretudo, o começo de um imenso trabalho a realizar. Mas não há dúvida que representa uma contribuição do mais alto significado, pois vem abrir, num campo de tantas dúvidas, uma área de certeza, que propiciará e estimulará estudos aprofundados de nossa poesia popular."

Torna-se, pois, este trabalho de Sebastião Nunes Batista uma obra de consulta obrigatória para o estudioso de literatura popular. Esperamos que o autor complete o mais breve possível o levantamento da obra de Leandro e estabeleça a bibliografia de seu pai, Francisco das Chagas Batista, e dos autores desta geração de poetas maiores. Não podemos esquecer de mencionar a Divisão de Publicações e Divulgação da Biblioteca Nacional pela iniciativa de publicar esta obra. —RUTH BRITO LEMOS TERRA.

* * *

DANTAS, Beatriz Góis — *A taleira de Sergipe — Uma dança folclórica*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, 1972, 153 p. 1 mapa e 6 fotos.

No seu livro *A taleira em Sergipe*, Beatriz G. Dantas se propôs realizar uma pesquisa exaustiva sobre tal dança tradicional do Nordeste. Cumpriu sobejamente seus objetivos e, mais que isso, deu-nos um excelente exemplo de como um simples fato folclórico pode fornecer inúmeras pistas para a compreensão profunda de certos segmentos cruciais das nossas sociedades tradicionais.

Partindo do pressuposto de não apenas estudar o fato folclórico em sua vivência e forma atual, a Autora conseguiu, com bastante êxito, através da comparação do presente e do passado, estabelecer suas relações com outros complexos culturais, não obstante ter sido suficientemente prudente e realista quando declara expressamente que escaparam à sua abordagem especulações desgastantes, como o problema das origens (p. 59).

O livro está dividido em três partes, seguidas de quatro ricos e ilustrativos anexos que representam, aliás, mais da metade das páginas desta obra. Na 1.ª parte, *A atual taleira de Laranjeiras*, encontramos a descrição minuciosa de como se organiza e funciona tal folguedo, assim como uma completa análise da composição deste grupo folclórico (o papel da dirigente, a relação desta com os membros da Taleira, informações sobre a estrutura etária do grupo, sua economia interna, as motivações dos participantes etc.). Complementa esta parte o estudo dos elementos da

cultura material e espiritual da taleira: suas vestes e adornos, a música e os instrumentos musicais, os cantos e danças (p. 39-46). A leitura destas páginas, se acompanhada da consulta dos anexos n.º 1 e 2, fará com que o leitor se sinta quase que transportado a Laranjeiras, pois torna-o equipado para reconstruir mentalmente, *pari passu*, as danças e melodias executadas pelos participantes desta taleira. As belas fotos que acompanham o texto permitirão da mesma forma que o leitor visualize com maior fidelidade os trajes dos atores desta dança tradicional.

Na 2.ª parte a Autora trata de duas antigas taleiras sergipanas: a que se realizava em Lagarto (região do Agreste) e a de São Cristóvão, a primeira Capital da Província, situada na zona litorânea. Através de pacientes entrevistas com velhos moradores destes locais, com antigos participantes deste folguedo de outrora, assim como lançando mão de documentos antigos sobre estas regiões (como por exemplo o Anuário Christovense, transcrito parcialmente no Anexo n.º 4), Beatriz Góis Dantas oferece um panorama sumário de como devia organizar-se outrora a taleira nestas cidades.

Na 3.ª parte, a folclorista cede lugar à etno-historiadora. Ela nos oferece interessantes informações a propósito da antiguidade desta realização folclórica em Sergipe, suas relações com a valorização da realeza (i.e., a importância dos Reis e Rainhas na composição das festas) e o significado religioso da taleira. Finaliza a obra um capítulo dedicado ao problema das perspectivas futuras deste folguedo ("Desaparecimento x Continuidade", p. 74-78).

Através da leitura desta obra, à medida que vamos nos interagindo da organização, estrutura e dinâmica da taleira, ao mesmo tempo, outra imagem começa a se estruturar e a tomar forma em nossas mentes. É a figura da dirigente desta dança, a negra Umbelina Araújo, a octogenária *Bilina*, neta pelos quatro cantos de avós africanos. Figura de proa desta dança, "cabeca da festa", a ela se deve quase exclusivamente a persistência ainda hoje da taleira nas Laranjeiras. Remodelando alguns de seus aspectos cerimoniais, dando uma dimensão preternatural à sua liderança, Bilina "conhece bem os cantos e as danças da taleira, antes realizada pela sua genitora... Conservando o apego à tradição, permitiu contudo as adaptações necessárias a fim de neutralizar as forças contraditórias e garantir a preservação da dança. Ora absorvendo encargos que antigamente eram das rainhas, ora substituindo por crianças os reis e demais componentes masculinos do grupo, tem-se revelado o elemento chave para a continuidade do festejo" (p. 29). Não bastassem suas memórias enraizadas em avós de pura sepa africana e em mãe escrava, não fosse suficiente a atuação desta mulher dinâmica e inteligente para preservar e refazer esta dança folk (usamos este termo no sentido que Redfield dá ao conceito de *folk remade*), Bilina, além de todo esse maravilhoso *curriculum vitae*, com a morte de sua avó Nagô, se torna Yalorixá de um terreiro de Xangô de Aracaju, recebendo o "bastão pela África" através do patrocínio do Pai da Costa. Figura paradigmática, mais do que sincrética, uma verdadeira síntese de Sergipe e de Nordeste, perguntamos nós: porque se contentou Beatriz Góis Dantas em transcrever tão francamente as passagens relativas à vida e atuação de Bilina à testa da taleira e de sua casa de culto afro-brasileiro? Não temos a menor dúvida que um dos valores deste livro é o de ter descrito a taleira num momento crítico de sua existência, talvez mesmo, *hólas!*, em seus estertores. Por que a Autora não enriqueceu ainda mais sua obra com a transcrição integral da *história de vida* daquela que incarnava de maneira incomparável toda a taleira? Desnecessário seria lembrar a importância para a antropologia e para a etno-história a história de vida de uma pessoa tão estrategicamente possuidora de um conhecimento existencial daquela diacronia que com dificuldade os cientistas sociais procuram inseguramente reconstituir. Do mesmo modo que a taleira representou uma das formas associativas

procuradas principal e quase exclusivamente pelos segmentos mais desprivilegiados da sociedade (aliás, pessoalmente não estamos totalmente de acordo que tanto a festas de coroação dos Reis dos Congo, assim como a taleira tinham em sua origem e em nossos dias função primordialmente religiosa; não obstante todo o aparato ritual o sagrado de diversas de suas práticas, vemos tais grupos muito mais como embrões de sociabilidade e fontes de prestígio social, do que propriamente confrarias primordialmente religiosas), repetindo: do mesmo modo com a taleira nos ensina a respeito das formas de agregação das camadas mais baixas da sociedade sergipana, do mesmo modo, a história de vida de Bilina poderia nos fornecer importantes subsídios para um estudo de caso das vicissitudes e desaventuras de um membro desta camada que, através de um sem número de expedientes, institucionais ou não (entre os quais a própria taleira), conseguiu encontrar e preservar para si um lugar ao sol dentro da sociedade.

Fica, por conseguinte, nossa calorosa e humilde sugestão à Autora: se é que ainda não coletou integralmente a história de vida de Bilina, que o faça com a máxima brevidade e o maior número de detalhes, e que nos brinde proximamente com um estudo em profundidade desta figura tão crucial no panorama religioso de Sergipe, verdadeiro pontífice situado na encruzilhada do mundo dos vivos e dos mortos.

Este seria nosso comentário ao livro *A taleira de Sergipe*. Longe de desmerecer a qualidade da obra, nossa sugestão tem como escopo apenas estimular a imaginação criadora da Autora e tentar, desta forma, aumentar nossa bibliografia num tema ainda muito pouco explorado. Afora o trabalho "A vida rural tradicional: Comentário ao depoimento de um imigrante Nordestino", de Eunice R. Durhan e Hunaldo Belker, publicado nesta mesma Revista, n.º 3, 1968, p. 157-170, não dispomos de nenhuma outra história de vida recente consagrada à personagens nordestinos. Assim, temos certeza que se Beatriz Góis Dantas tomar como objeto de um estudo de caso a negra Bilina, e se mantiver o mesmo nível sério e inteligente deste seu primeiro livro, certamente que a bibliografia de Ciências Sociais há de se tornar menos lacunosa e mais rica.

Cumprimentamos a Editora Vozes por tão excelente publicação. Há tempos que o fato folclórico não era tão bem interpretado no Brasil. Pelo seu caráter informativo, metodologia correta, e seriedade documental, não nos resta senão recomendar calorosamente a leitura desta obra. — LUIZ MOTT.

* * *

MAXWELL, Kenneth R. — *Conflicts and conspiracies: Brazil and Portugal. 1750-1808*. Cambridge, At the University Press, 1973. (Cambridge Latin American Studies, 16)

A crescente divergência sócio-econômica entre o Brasil e Portugal, que se sedimentou principalmente a partir do tão crítico quanto fecundo período pombalino, evidenciou-se em Minas, na Inconfidência Mineira, embora não se tenha solucionado, nem sequer culminado nela.

Partindo das disposições políticas e ideológicas de Pombal para com os problemas econômicos do complexo colonial, Kenneth Maxwell um dos *Brazilianists* que, ao lado de Dauril Alden, mais se tem preocupado com o século XVIII luso-brasileiro, estuda minuciosamente, na obra que agora lança, o desenvolver daquela divergência até a ruptura do sistema, em 1808.